
**O CRUZEIRO E A POLÊMICA INCURSÃO DO
REALISMO NO BRASIL**

O Cruzeiro and the controversial incursion of
Realism into Brazil

Jaison Luís Crestani¹

RESUMO: Em 1878, o jornal *O Cruzeiro* amparou a publicação de dois artigos críticos de Machado de Assis desfavoráveis aos procedimentos criativos levados a efeito no romance “realista” *O primo Basílio*, de Eça de Queirós. Por meio desses dois ensaios e de outras publicações congêneres, o periódico ingressaria decisivamente na polêmica batalha contra a inserção do Realismo no meio literário brasileiro. Com base nesse contexto, este trabalho pretende analisar a atuação do periódico como suporte e mediador, por excelência, dos exercícios experimentalistas que permitiram a Machado de Assis superar o impasse criativo resultante dessa polêmica e forjar uma nova diretriz para a sua prática literária. Nas páginas de *O Cruzeiro*, Machado de Assis encontraria um estímulo profícuo, não só à batalha que vinha travando contra o projeto estético do realismo, mas também ao exercício da sua prodigiosa imaginação, que constituía, em sua concepção, a função primeira da prática artística.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; *O Cruzeiro*; Eça de Queirós; realismo; fantasia.

ABSTRACT: In 1878, the newspaper *O Cruzeiro* published two critical articles written by Machado de Assis as opposed to creative procedures experienced in the “realistic” novel *O primo Basílio*, by Eça de Queirós. Through these two critical essays and other reviews, the newspaper would enter decisively in the controversial battle against the inclusion of Realism in Brazil. Based on this context, this paper aims to analyze the performance of the journal as support and mediator of experimental exercises that allowed the Machado de Assis to overcome the creative impasse caused by this controversy and forge a new direction for his literary practice. In the *O Cruzeiro*'s pages, Machado de Assis find a important stimulus, not only for the battle against the Realism, but also for the exercise of his prodigious imagination, which was, in his view, the primary function of artistic practice.

KEYWORDS: Machado de Assis; *O Cruzeiro*; Eça de Queirós; Realism; fantasy.

¹ Pós-Doutor pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Docente do Instituto Federal do Paraná – Campus de Palmas.

INTRODUÇÃO

Lançado em Portugal no final de fevereiro de 1878, *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, dominaria, um mês depois, o palco literário brasileiro com o efeito *ruidoso* das cenas adúlteras do romance realista. O debate sobre a concepção literária e a falta de decoro moral da obra se disseminaria na imprensa carioca com uma profusão espantosa, desencadeando uma verdadeira “epidemia de basilismo” (cf. *Revista Illustrada*, 27 abr. 1878, p. 7, col. 1).

Avesso às influências da escola realista sobre o desenvolvimento da literatura brasileira, Machado de Assis se manifestou prontamente por meio da publicação de dois artigos críticos no próprio “Folhetim do Cruzeiro”, onde acabara de ser divulgado o seu romance *Iaiá Garcia*. O primeiro ensaio, publicado em 16 de abril de 1878, apresentava uma apreciação bastante severa dos “graves” defeitos da composição de *O primo Basílio*; o segundo artigo, divulgado em 30 de abril de 1878, respondia às objeções feitas ao seu primeiro artigo por duas avaliações críticas veiculadas na *Gazeta de Notícias*, reafirmando categoricamente as suas ponderações iniciais.

Esse entrave absorveria amplamente as preocupações do autor nesse estágio da sua carreira artística, resultando em consequências decisivas para o desenvolvimento de sua produção ficcional. A *ruidosa* repercussão do romance queirosiano no meio intelectual brasileiro e a ampla reação negativa às suas avaliações críticas, propagada pela imprensa carioca do período, conduziria o autor a repensar os caminhos da sua própria produção ficcional. Esse impasse criativo do autor poderia ser sintetizado, conforme a proposição de Paulo Franchetti (2007, p. 191), na seguinte questão: “como abandonar a linha romântica desenhada de *Ressurreição* (1872) até *Iaiá Garcia* sem adotar a forma e o estilo do romance realista?” Defrontando-se, de maneira similar, com essa mesma questão, João Cezar de Castro Rocha (2013, p. 94) defende a tese de que essa rivalidade com Eça de Queirós teria sido o “elemento catalisador que evidenciou a insatisfação de Machado com seus próprios procedimentos”, constituindo assim o “ponto de inflexão de sua obra” para um novo estilo de criação literária que se afirmaria a partir das *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Desse modo, este trabalho pretende analisar a contribuição do jornal *O Cruzeiro* como suporte e mediador, por excelência, dos exercícios experimentalistas que permitiram a Machado de Assis superar o impasse criativo resultante dessa polêmica e forjar uma nova diretriz para a sua

prática literária. Nas páginas desse periódico, o escritor encontraria um estímulo profícuo, não só à batalha que vinha travando contra o projeto estético do realismo, mas também ao exercício da sua prodigiosa imaginação, que constituía, em sua concepção, a função primeira da prática artística.

O PERFIL EDITORIAL DO JORNAL *O CRUZEIRO*

Lançando em janeiro de 1878, o jornal *O Cruzeiro* ocupou uma posição de destaque no meio jornalístico brasileiro, conforme se pode constatar pela ampla aclamação que sua inauguração recebeu dos órgãos de imprensa do período. Dispondo de condições financeiras favoráveis, o empreendimento alcançou, já na sua estreia, a inserção no reduzido círculo dos jornais de maior circulação do país. Em contrapartida, o percurso histórico de sua publicação demonstra que esse sucesso imediato não teve uma sustentação duradoura. Em consequência das inúmeras dissidências travadas com outros importantes órgãos da imprensa do período, *O Cruzeiro* perderia, quase tão rapidamente quanto conquistara, o prestígio e a amplitude do alcance de sua publicação, deixando de circular em 19 de maio de 1883.

Em todo o decurso do ano de 1878, *O Cruzeiro* manteve, em seus artigos de fundo, a autonomia de sua linha editorial, sustentando um posicionamento deliberadamente crítico frente aos eventos e decisões da política nacional. Inconformado com o declínio vertiginoso da economia do país, o periódico assumiu a posição de um arauto das reivindicações por ações públicas em prol das demandas urgentes dos principais setores responsáveis pelo orçamento e pela prosperidade financeira do Brasil. Comprometido com a nobre missão de promover a probidade das ações públicas, o periódico recriminava insistentemente a decadência da moralidade política, corrompida pelas inúmeras ocorrências de subtração de dinheiro público e pelo contrassenso dos violentos conflitos partidários que agitavam o cenário político do período.

Entretanto, se as publicações de *O Cruzeiro* encerraram o ano de 1878 em relativa coerência com os ideais propostos em seu programa de abertura, a mesma imparcialidade não prevaleceria nas diretrizes que passariam a orientar as matérias publicadas no ano seguinte. É difícil definir precisamente o posicionamento do periódico a partir de 1879, já que a coleção disponível no acervo da Biblioteca Nacional restringe-se ao primeiro ano de circulação do jornal. Contudo, as evidências e implicações desse redirecionamento das diretrizes editoriais são nitidamente perceptíveis, em razão da repercussão negativa que a atuação do periódico passaria a receber nas páginas dos demais órgãos da imprensa do período.

No intervalo de um ano de publicação, *O Cruzeiro* declinaria vertiginosamente da posição conquistada já nos primeiros meses de circulação, passando da condição de referência modelar da grande imprensa neutra para a de folha tendenciosa, comprometida com interesses particulares e com manobras políticas. As críticas incisivas que se disseminaram de maneira generalizada pelos diversos órgãos da imprensa carioca arruinariam a sua credibilidade e conduziriam a um enfraquecimento gradativo de seu prestígio editorial.

No ano de 1880, a condição do *Cruzeiro* se tornaria ainda mais deplorável: as críticas incisivas desferidas por diversos órgãos da imprensa e as constantes demissões e afastamentos voluntários do corpo de redatores do periódico começariam a abalar a sua estabilidade. A derrocada final seria lançada quando a direção do jornal estabeleceu, em setembro de 1880, um pacto com o futuro ministro do Império, Martinho de Campos, fazendeiro mineiro e “escravocrata da gema”, como ele próprio se confessava. A partir desse acordo, *O Cruzeiro* passaria a se orientar, editorialmente, pelas opiniões reacionárias defendidas por esse político mineiro, ou seja, passaria a “defender abertamente as ideias escravocratas” em troca das subvenções que lhe seriam concedidas, conforme registrou Ernesto Mattoso, ex-redator do *Cruzeiro*, em seu livro de memórias *Cousas do meu tempo* (1916, p. 284).

Posteriormente, quando o ministério de Martinho de Campos é destituído e o regime servil começaria a entrar em colapso, *O Cruzeiro* acompanharia o ritmo desse mesmo declínio. Obrigado a interromper a sua publicação em 19 de maio de 1883 em função de uma crise do papel que assolou o comércio do Rio de Janeiro, o periódico, com sua credibilidade há tanto tempo arruinada, já não encontraria mais estímulo para retomar a sua circulação.

O CRUZEIRO, A MUSA REALISTA E O ESTRO DE PHANTASIEL

Os artigos críticos dedicados à apreciação dos romances de Eça de Queirós, bem como as demais produções remetidas por Machado de Assis ao jornal *O Cruzeiro*, com a exceção do romance *Iaiá Garcia*, foram assinados com o pseudônimo de Eleazar, que remete à personagem bíblica do segundo livro de Macabeus. É provável que o fato de os ensaios críticos de Machado de Assis terem sido assinados por esse pseudônimo bíblico e veiculados por um periódico assumidamente católico tenha inspirado parte das reações combativas dos partidários da nova doutrina literária. Afinal, como dizia um dos folhetinistas do *Cruzeiro*, “os que hoje quebram lanças pelo Basílio não

gostam de padres”,² e este periódico, além da inclinação católica e conservadora, fazia ampla oposição às depravações do basiliense. O redator-chefe do jornal, Henrique Correa Moreira, demonstrava inclusive uma aversão exacerbada pelo romance e sempre que queria denegrir a imagem de um texto rotulava-o com a seguinte expressão: “sórdido como uma página de Eça de Queirós” (*apud* FRANCHETTI, 2007, p. 143).

A primeira publicação de *O Cruzeiro* a respeito do lançamento de *O primo Basílio* foi divulgada na seção “Correspondência do Cruzeiro”, publicada no dia 7 de abril de 1878 e datada, de Lisboa, no dia 13 de março. Sem apresentar a assinatura do correspondente, a matéria fazia uma exaltação quase irrestrita das qualidades do novo livro de Eça de Queirós. Afora algumas “páginas lúbricas”, o romance seria “um livro notabilíssimo, um dos mais notáveis romances que se tem escrito em língua portuguesa”. Para demonstrar tal notabilidade, o redator estabelecia uma comparação com o livro de maior êxito literário da França, salientando a superioridade do novo livro português:

O primo Basílio é um livro de primeira ordem, é o romance mais brilhante que nestes últimos tempos tem produzido a literatura europeia. E provo a minha asserção. O maior *sucesso* literário da França neste ano foi o romance de Alphonse Daudet *O Nababo*: tem já cerca de 30 edições.

Compare-se *O Nababo* com *O primo Basílio* e não será preciso ser-se português, bastará ser-se crítico para ver quanto o livro d’Eça de Queirós é superior ao do ilustre romancista parisiense.

Tirando-lhe umas páginas lúbricas, umas cenas nuas que nada servem para o desenvolvimento da ação, para a lógica do romance, para o desenho dos caracteres do *Primo Basílio*, seria uma obra-prima irrepreensível (*O Cruzeiro*, 7 abr. 1878, p. 2).

Esta seria uma das únicas manifestações laudatórias ao romance publicada nas páginas de *O Cruzeiro*. É provável que a divulgação dessa apresentação tenha precedido à leitura da obra por parte dos redatores brasileiros do jornal. Nessa mesma semana, apareceria a primeira alusão decididamente negativa ao romance, na comparação que o folhetinista Rigoletto estabeleceria durante a análise do romance *Iaiá Garcia*,

² “Contos e pontos”, assinado por Amen, pseudônimo não identificado (*O Cruzeiro*, 25 abr. 1878, p. 1).

enaltecendo o decoro da composição machadiana, “bem ao revés desses torpes Basílios” (*O Cruzeiro*, 11 abr. 1878, p. 1). Na sequência, destaca-se uma publicação *a pedido*, que desqualifica completamente a compostura moral do romance:

O primo Basílio

Mais um filho da escola coimbrã, lama e pus, podridão e matéria, e é isto o *realismo*, e lê-se e discute-se mas em casa, as opiniões dividem-se, e todos têm medo de criticar com imparcialidade; Julio Diniz, Pedro Ivo, João de Deus, são *realistas* mas de um *realismo* limpo, lavado, e de bigodes bem perfumados... com água de Colônia, e não fizeram tanto sucesso. Feliz autor e felicíssimo editor. (Ego. *O Cruzeiro*, 16 abr. 1878, p. 3).

Nessa linha, pode-se acrescentar também as crônicas e variedades do folhetinista Amen, que, em diversos números dos seus “Contos e pontos”, investiu na desconstrução das premissas do realismo. No fragmento transcrito a seguir, o autor faz uma invocação da musa realista para depois reconsiderar a proposição e desconstruir os procedimentos literários:

INVOCACÃO

Agora, tu, oh musa realista
Não negues teu auxílio
A quem pretende ser mais basilista
Do que o primo Basílio.

Quero pintar a cena exatamente,
E com toda a minúcia,
Do que ali se passou; mas cruamente,
Sem pejo e sem astúcia.

Quero elevar o puro balismo
À requintada essência,
E matar o decente fossilismo
Com a vera indecência.

RECONSIDERAÇÃO

Mas então, porque motivo
Me hei de pôr a escrevinhar?
A cena sai mais ao vivo
Mandando-a fotografar.
O fruto da minha musa
Pode acaso sair peço
E sofrer séria recusa...
— Pois, senhor, venha o
Pacheco;
Que o realismo da cena,
Só para nos agradar
Numa coisa tão pequena
Há de tornar a tornar.
Se a dança fotografares,

Quero provar aqui que foi Daguerre³
O avó dos realistas,
E que nós, em que pese a quem mais
[berra,
Somos fotografistas.

Pacheco, que não te esqueças
Do movimento que os pares
Faziam com as cabeças;
Nem da arenga mistifória,
Que fez o senhor Tomé;
Nem se o chá era chicória,
Ou se era mesmo café.
(*O Cruzeiro*, 9 maio 1878,
p. 1).

Como se observa, o folhetinista desmonta a ilusão realista de que seria possível uma apreensão exata e completa da realidade. Além disso, demonstra a inviabilidade do projeto estético realista num período histórico em que a sociedade já tinha à sua disposição os benefícios da fotografia, insinuando, inclusive, que até mesmo esta, por mais perfeita que fosse, ainda não daria conta de captar a realidade em toda a sua pluralidade.

Em um excerto da seção humorística “Notas à toa”, o folhetinista Beppo promove uma desconstrução semelhante, em que satiriza a pretensão estéril e incansável da escola realista de almejar uma representação fotográfica da realidade. Para lograr tal intento, a nova edição do romance queirosiano recorreria aos recursos da pintura: “Não pode haver um realismo em literatura e outro em pintura. Consta que vai fazer-se uma edição do *Primo Basílio*, ornada com aquarelas, à custa dos admiradores da nova escola” (*O Cruzeiro*, 5 maio 1878, p. 4).

Em 16 de maio de 1878, Amen tornaria a tratar da batalha travada em torno do basilismo por meio da representação de um diálogo fictício entre dois interlocutores. Da conversa transcrita, conclui-se que essa infrutífera discussão estaria encerrada e seu único legado seria uma coleção de desafetos:

- E a discussão literária em que ficou?
- Qual? A da sensação?
- Sim; a do Basílio.
- Morreu de mal de sete dias.
- Coitada! E fez testamento?
- Não, nem me consta que deixasse herdeiros.
- Nem herança.

³ Louis Jaques Mandé Daguerre (1787-1851), físico e pintor francês, é considerado um dos pais da fotografia. Em 1838, inventou o daguerreótipo, aparelho fotográfico que fixava as imagens obtidas na câmara escura numa folha de prata sobre uma placa de cobre.

— Isso deixou: uns rufos e uns arrufos; umas inimizadas e umas amenidades. Tenho a coleção. Leio-a de quando em vez (*O Cruzeiro*, 16 maio 1878, p. 1).

Finalmente, cumpre salientar uma crônica particularmente interessante para se pensar a relação entre os artigos críticos de Eleazar, o programa editorial de *O Cruzeiro* e a “epidemia de basilismo”. Datada de 19 de maio de 1878, essa “crônica semanal”, assinada por Sic, pseudônimo de Carlos Laet, discorre sobre a repercussão, em Lisboa, da notícia de que, em breve, estrearia nos palcos brasileiros um drama adaptado do romance *O primo Basílio*, sob o comando de Cardoso de Menezes e Furtado Coelho. A dicção do folhetinista é deliberadamente humorística, como se observa na exageração galhofeira que preside a sua narração:

Em Lisboa causara insólito alvoroço a notícia de que os Srs. Cardoso de Menezes e Furtado Coelho iam vestir com as carnes do drama o romance do *Primo Basílio*.

A guerra entre românticos e realistas assanhara-se ainda mais com este novo incidente e para pôr-lhe termo fora mister nada menos que a intervenção da força pública (*O Cruzeiro*, 19 maio 1878, p. 1, col. 5).

Na sequência da crônica, o folhetinista explica que todo esse alvoroço fora gerado por uma compreensão equivocada das palavras do anúncio — transmitido à pátria lusitana via telegrama — desse novo drama, que prometia levar ao palco “grande e nova sensação”. O boato “*fez furor*” durante algum tempo, mas depois foi dissipado por novo telegrama, que um “periódico ordeiro” fez questão de publicar: “Estamos autorizados a afirmar que não houve, nem haverá tal sensação. O drama sairá animado mas decente”.

Como último evento desse “insólito alvoroço”, o cronista transcreve uma suposta tirada irônica que um distinto folhetinista português teria dirigido ao pai do *Primo Basílio* por meio de uma apreciação publicada no rodapé de um jornal fluminense: “Amigo, ainda é tarde para o teu triunfo. Sabemos todos que as tuas ideias são como o carvão — a própria substância do diamante... Infelizmente ainda não se inventou a química (leia-se estética) que há de ajudar a natureza a cristalizá-las” (*O Cruzeiro*, 19 maio 1878, p. 1, col. 5).

Para além dessa depreciação irônica da estética realista, interessa analisar o protocolo ficcional assumido pelo cronista para a elaboração do

seu folhetim dominical. Na abertura do texto, Sic situa-se na Noruega, sob uma temperatura de 15°C acima de zero, sentindo-se com o espírito congelado e com a “alma descorada e anêmica como um poema romântico”. Nessas condições, o cronista invoca a musa inspiradora para que o transporte para o universo das maravilhas:

“Leva-me, oh! leva-me antes para a terra das maravilhas onde, em palácio de fadas, vão ostentar-se todos quantos tesouros crês a indústria ou fecunda o comércio...

“Dá-me as tuas asas de borboleta ou empresta-me antes a serpente encantada que respira fogo e fende as ondas atlânticas...

“Tenho sede de grandes emoções, fome de grandes espetáculos, ânsia imensa de grandes novidades... Ânasia grande, grande sede e grande fome — tal qual como um empreiteiro na minha terra. [...]

“Dá-me, dá-me as tuas asas de morcego ou pespega comigo sobre o dorso do monstro marinho que aproa para Bordéus! (*O Cruzeiro*, 19 maio 1878, p. 1, col. 1-2).

Diferentemente das convenções clássicas, essa invocação não se dirige a uma entidade divina, mas a um “demonico familiar”, chamado Phantasiel, que, no canto VI do *Paraíso Perdido*, de Milton, tocava pífano no primeiro batalhão da infantaria celeste. Apanhado por um dos anjos bons, Phantasiel foi condenado a “varrer eternamente a Via Láctea”. Nesse ofício, “contraíu duas terríveis moléstias: enfermou do fígado, o que o torna horripelmente hipocondríaco, e dos nervos, o que o leva por vezes a rir-se sem motivo nem razão aparente, como as meninas achacadas de faniquitos” (*O Cruzeiro*, 19 maio 1878, p. 1, col. 2).

Na sequência, o cronista relata que houve uma mudança política no plano celestial e Phantasiel foi exonerado do cargo: “Foi então que o tomei a meu soldo. [...] É ele quem faz-me os folhetins, pensa e trabalha por mim, e carrega-me para onde quero. E eu puxo-lhe as orelhas, dou-lhe piparotes, regateio-lhe as gratificações e estendo-lhe as horas de trabalho”. Assim, por intermédio das capacidades de teletransporte de Phantasiel, o cronista inicia uma espécie de *excursão milagrosa* pelos lugares que serviram de palcos aos acontecimentos noticiados durante a semana. Inicialmente, passa por Berlim, onde se detém por “cinco minutos” para apreciar a “indescritível confusão” que reinava no meio diplomático; transfere-se, em seguida, para Lisboa, onde contempla o “insólito alvoroço” em torno da polêmica representação dramática de *O primo Basílio*; e retorna, finalmente,

ao Rio de Janeiro, passando antes pelo Pará, onde se depara com duas novidades funestas: “uma morte e um naufrágio”.

Mediante esse artifício, o cronista percorre não só o cenário dos acontecimentos, mas também o espaço da página, que se completa com a profusão de incidentes observados durante a viagem fantasiosa. O ponto de chegada dessa excursão mágica se materializa na última coluna do folhetim, que representa o cumprimento da tarefa do cronista. Phantasiel regressa ao fundo do tinteiro e o mundo da fantasia se desvanece sob o prenúncio dos raios de sol do domingo que se aproxima:

Phantasiel, meu pobre e constante amigo, eis-nos chegados à minha terra de promessa, isto é, à última coluna do folhetim.

Levaste-me à Prússia, a Lisboa e ao Pará, e bom é que repousemos agora...

Deixemos as estrelas pálidas e amortecidas disputarem-se os últimos farrapos de nimbos — acendamos os nossos filosóficos cachimbos, e o mundo constelado que empalideça e se esfarrape lá por fora.

A lua descorada e anêmica sopra-nos com as bochechas cheias um ventinho incômodo e frio — pois fechemos-lhe as janelas e vamos conversar com o travesseiro.

O domingo — vês tu — o domingo é o raio de sol da folhinha, é o calor, é a alegria, é a missa, é as visitas em casa, é ler o folhetim dos outros e esquecer-nos do nosso.

Entra no teu poço, Phantasiel... Teu poço é o meu tinteiro e nele ficará escondido até domingo que vem, graças a Deus! (*O Cruzeiro*, 19 maio 1878, p. 1, col. 7).

Com esse recurso mágico, o folhetinista percorre o cenário dos principais acontecimentos da semana, conferindo uma feição diferenciada às convenções comumente praticadas pelo gênero da crônica. Situada no epicentro dos debates em torno do lançamento de *O primo Basílio*, a opção pela mediação fantástica articula uma oposição às diretrizes literárias da estética realista: em lugar da representação fotográfica da realidade, releva-se o primado da fantasia e liberdade da imaginação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crônica semanal, assinada por Sic, e as demais apreciações referidas no decorrer deste trabalho ilustram a ampla abertura que o periódico proporcionava, no âmbito do folhetim, ao domínio da criação fantasiosa, contrapondo-se, assim, à “exação de inventário” e à estrita objetividade das tendências literárias proclamadas pelo realismo e pelo naturalismo. Nas páginas de *O Cruzeiro*, Machado de Assis encontraria um estímulo profícuo, não só à batalha que vinha travando contra o projeto estético do realismo, mas também ao exercício da sua prodigiosa imaginação, que constituía, em sua concepção, a função primeira da prática artística, conforme defende em sua apreciação crítica ao romance *O culto do dever*, de Joaquim Manuel de Macedo: “Se a missão do romancista fosse copiar os fatos, tais quais eles se dão na vida, a arte era uma coisa inútil; a memória substituiria a imaginação” (ASSIS, 1979, v. 3, p. 844).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1979. 3 v.

FRANCHETTI, Paulo. *Estudos de literatura brasileira e portuguesa*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2007.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 1877-1883.

MATTOSO, Ernesto. *Cousas do meu tempo* (reminiscências). Paris: Bordeaux, 1916.

O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, 1878.

QUEIRÓS, Eça de. *Obra completa*: quatro volumes. Organização geral, introdução, fixação dos textos autógrafos e notas introdutórias de Beatriz Berrini. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. v. 4.

REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, 1877-1883.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

Data de recebimento: 30 out. 2015

Data de aprovação: 2 dez. 2015.